# CONTRIBUIÇÕES AO DEBATE SOBRE QUE ESCOLA QUEREMOS

*Maria Anita Carneiro Ribeiro*

As observações que se seguem decorrem de minha experiência recente na Comissão Crítica do Passe e de minha participação no Fórum do Campo Lacaniano do Rio. Ouvindo o depoimento dos colegas que fizeram o dito "passe na entrada" na falecida EBP, lembrei-me de um episódio ocorrido nos meados da década de 60: um jornalista se propôs a fazer uma série de reportagens, um pouco a moda da imprensa marrom, sobre os bastidores da psicanálise. Para tal, marcava entrevistas com vários analistas, e depois as relatava em reportagens que, em tom de denúncia, discorriam sobre temas "polêmicos" como o dinheiro, as interpretações e até as roupas dos analistas e seus consultórios. As reportagens cessaram quando o jornalista, fisgado por uma manobra da transferência, entrou em análise com uma de suas "vítimas". Dessa pequena fábula verídica podemos extrair uma máxima: não se brinca impunemente com o dispositivo analítico inventado por Freud! O mesmo podemos dizer do dispositivo do passe criado por Lacan. Por razões políticas, Jacques-Alain Miller resolveu extrair da Carta aos Italianos uma conseqüência que certamente surpreenderia Lacan: o passe na entrada da Escola. Encantados de termos enfim acesso ao dispositivo, fomos todos cúmplices desta manipulação, dando-nos conta somente a posteriori que, no caso da EBP em que só havia esta forma de passe, isso implicava na suposição de que não haviam analistas no Brasil. O que aliás foi confirmado pelo próprio Miller em Barcelona, ao dizer que não havia comunidade analítica no Brasil. Para bom entendedor... No entanto ao brincar com o dispositivo criado por Lacan, Miller não mediu

as consequências que daí poderiam advir. Após escutar o depoimento das cinco colegas que passaram pelo dispositivo que agora chamamos de "passe sob transferência", algumas consequências, a meu ver, já podem ser extraídas:

1-Condicionar a nomeação de um membro de uma Escola ao passe é deturpar o dispositivo, dando-lhe uma conotação político-partidária que vai contra a política da psicanálise. Lacan denominou na Direção do Tratamento de política da falta-a-ser, ou seja, o desejo do analista.

2-Nos depoimentos que pudemos escutar no Fórum do Rio, o que se pôde verificar claramente é que é justo a emergência do desejo do analista no decorrer de uma análise. A emergência desse desejo não corresponde cronologicamente ao momento em que o sujeito deixa cair seu analista do lugar de suporte da causa de seu desejo, e isso já abre uma discussão interessante sobre o que poderíamos chamar de "momentos de final de análise".

3-Os depoimentos mostram que esta experiência é transmissível e que dela pode-se extrair ensinamentos que fazem avançar a psicanálise. Por exemplo, nos dois últimos depoimentos que ouvimos, a emergência do desejo do analista dá-se após um ato analítico radical que toca na posição de exclusão do sujeito, o que abre perspectivas interessantes para um debate sobre a manobra da transferência, na clínica da histeria.

4-Dos depoimentos podemos extrair também que, na maioria dos casos, os sujeitos desejavam sobretudo transmitir o que já haviam construído sobre suas análises e este desejo impunha-se sobre o desejo de ser nomeado membro da EBP, que aparece como secundário. Enfim, no seu Discurso a EFP, Lacan nos diz sobre a Proposição: "Que ela ataque o ato analítico pelo viés no qual ele se institui no agente, só decepciona aqueles que fazem com que a instituição seja o agente do dito ato, quer dizer que separam o ato instituinte do psicanalista do ato analítico." (Scilicet 2/3,p.13).

Miller zombou do ato analítico, instituindo o passe como critério de seleção de uma Escola. Porém o dispositivo do passe produz seus efeitos, e os depoimentos dos que por ele passaram trazem novos elementos para o debate sobre a Escola que queremos.